

COMO TORNAR VISÍVEL OS PERCURSOS DAS CRIANÇAS ATRAVÉS DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: A EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO 4 CONSTRUINDO UM HERBÁRIO

Bruna Luna Wanderley¹
Jéssika Maria Vanderlei²
Vitória Marinho Lins de Albuquerque³
Carolina Florêncio de Oliveira⁴

RESUMO

O presente artigo busca elucidar o processo de construção de uma documentação pedagógica que evidencie os interesses, buscas e produções de um grupo de crianças de 4 e 5 anos de um CEI da rede privada de Recife, o qual tem como inspiração teórico-prática a abordagem Reggio Emilia. Para tanto, compartilhará a experiência do projeto “Investigações botânicas”, motivado pelo interesse das crianças em pesquisar a respeito das raízes e posteriormente as demais partes das plantas presentes em seu cotidiano, e acompanhado da observação atenta aos seus diálogos, hipóteses e questionamentos. A inquietação provocada pelo questionar “Como observar e registrar de modo a tornar visível o protagonismo das crianças?” impulsionou a produção de um documento entrelaçado ao vivenciar do grupo, sendo ele um herbário. Em primeiro momento, serão expostos recortes do projeto investigativo explicitando ao leitor algumas sessões oportunizadas que transpassaram rodas de conversa, produção de listas e gráficos, vivências de grafismo, envio de pesquisas e coleta de materiais. Por seguinte, nos dedicaremos a comunicar o percurso de construção dos documentos, que abrange o processo de seleção de narrativas, organização de registros e estruturação dos dados coletados em um projeto gráfico. Por fim, apresentaremos a documentação produzida de modo a explicitar seu conteúdo e pôr em evidência os processos criativos das crianças enquanto produtoras de conhecimento. Com isso, exaltamos o herbário enquanto um material que evidencia as singularidades de cada criança e narra um processo significativo com respeito e fidelidade às experiências vivenciadas.

Palavras-chave: Educação Infantil, Documentação Pedagógica, Reggio Emilia.

¹Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, brunalunaprof@gmail.com;

²Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Jessikavanderleipro@gmail.com;

³Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, vitoria.marinho@ufrpe.br;

⁴Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, carolinaflorenciooliveira@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A abordagem Reggio Emília surgiu na Itália a partir dos ideais e concepções de Loris Malaguzzi. Esta abordagem defende o protagonismo da criança, que é concretizado a partir de experiências que exploram suas multilinguagens, as quais oportunizam o expressar-se livremente através das artes visuais, do teatro, da música e do próprio corpo. A educação é pensada a partir da construção e colaboração mútua entre crianças e educadores no processo de construção dos conhecimentos. (EDWARDS, GANDINI E FORMAN, 2016)

O trabalho com projetos dentro dessa abordagem evidencia o local privilegiado ocupado pelas crianças, considerando que os temas e caminhos traçados emergem dos seus interesses. Nesse sentido, a partir de uma escuta atenta e a observação dos detalhes trazidos por elas no seu cotidiano, o educador ingressa em uma dinâmica de parceria com os educandos, travando um processo contínuo de investigação, planejamento, organização e reorganização do percurso, buscando aproximar as crianças da investigação de temáticas que despertam sua curiosidade, fazendo uso de uma multiplicidade de experiências, linguagens e materiais.

Para tornar visível os projetos trabalhados pelas crianças, a abordagem Reggio Emilia elenca a documentação pedagógica enquanto como ponto fundamental no que diz respeito a validação de seus processos e produções. Dessa forma, o ateliê, espaço central dentro do pensamento dessa abordagem e que deve ser pensado enquanto um laboratório de ideias, tem papel relevante no desenvolvimento e consolidação da importância da documentação devido a cultura visual que é nutrida por ele. Nesse contexto, o processo de registro, interpretação e reorganização que balizam a construção de documentos é visto enquanto atitude de “projetar os futuros contextos de aprendizagem”.

Além disso, a ação de observar os processos de pesquisa da infância, paralelamente à validação de suas teorias e hipóteses, é visto como simultâneo do pensar a prática do professor. Assim, existe uma relação direta entre ação da criança e a posterior reflexão-ação do professor, em uma dinâmica que é posta pela Base Nacional Comum Curricular (2018) como “reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças.”(Brasil, 2018, p.39) levando em consideração as singularidades, curiosidades e modos de expressão



das crianças. Dessa forma, o olhar atento para aquilo que é produzido na escola se transforma em via do pensar pedagógico, permitindo a criação de novos caminhos investigativos.

Outro aspecto determinante no refletir acerca da documentação é seu entendimento enquanto: meio de avaliação dos processos de desenvolvimento, via de compartilhamento do imaginário e pesquisas infantis, terceiro educador dentro do eixo do espaço escolar. Considerando o olhar dos referenciais curriculares para educação infantil, tais como as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil (2009) e os Referenciais Curriculares para Educação Infantil (1998), a avaliação na educação infantil deve se realizar mediante o acompanhamento do cotidiano das crianças, através de uma observação crítica que deve ser registrada em diversos formatos, como os portfólios e relatório, e, dentro desse âmbito, a documentação pedagógica tem papel central de torna visível os processos de aprendizagem, de maneira continuada e que acompanha a dimensão dialógica que é avaliar, a partir do olhar do professor no que tange às narrativas, produções, explorações e rotina das crianças.

Além disso, o aspecto de partilha que abarca esse registro evoca um significado de validação da cultura das infâncias. Afinal, como posto por Vecchi (1019, p.15) a documentação se constitui como “um testemunho gratificante do trabalho de adultos e crianças e um lembrete do valor e da importância da educação”. Na instância dos espaços, Loris Malaguzzi (2016) elenca que a documentação passa a ocupar espaço de terceiro educador na medida que faz parte do processo educacional e, nesse contexto, deve ser perpassada por cuidado e atenção estética.

Diante dessa conjuntura, o presente artigo objetiva evidenciar a importância da documentação pedagógica na garantia de visibilidade dos percursos e descobertas das crianças. Para isso, reúne fragmentos de um semestre letivo organizado e pensado a partir do projeto intitulado “Investigações Botânicas”, que emergiu do interesse de uma turma acerca das raízes presentes nos manguezais. Tal processo culminou na construção de um herbário que agrupou e materializou narrativas, desenhos e elementos confeccionados com base nos caminhos do projeto e, é desta documentação que partem as reflexões aqui postas. Esta experiência foi protagonizada por crianças com idades entre 4 e 5 anos de um Centro de Educação Infantil da rede privada de Recife. A instituição em questão possui práticas inspiradas na abordagem Reggio Emilia e Pikler,



que corroboram com os entendimentos das pedagogias participativas, as quais compreendem a criança enquanto sujeito ativo e principal agente na construção do seu próprio conhecimento.

METODOLOGIA

O presente trabalho ancora-se na metodologia do relato de experiência, de caráter descritivo e reflexivo, compreendido, segundo Lüdke e Cruz (2010), como uma forma de investigação que busca valorizar o vivido, considerando as experiências e os significados produzidos no contexto educacional. A escolha por esse caminho metodológico se deu pela intenção de tornar visível o percurso de investigação e as aprendizagens das crianças, entendendo a prática pedagógica como campo de pesquisa em movimento, no qual o olhar sensível do educador se alia ao fazer das infâncias.

Como procedimento metodológico, utilizou-se a observação como principal ferramenta de acompanhamento das experiências, entrelaçada ao uso de diferentes instrumentos de documentação, tais como fotografias, filmagens e fichas de sessão, que permitiram revisitar o vivido e ampliar o olhar sobre o processo, e não apenas sobre o produto final.

No que tange ao universo de pesquisa, os sujeitos foram crianças de 4 e 5 anos, pertencentes a um Centro de Educação Infantil da rede privada do Recife, cuja proposta pedagógica é inspirada nas abordagens Pikler e Reggio Emilia. Cabe salientar que visando a preservação da identidade dos participantes, utilizamos nomes fictícios para referenciá-los. No que se refere às sessões, ocorreram ao longo do segundo semestre letivo de 2023, organizadas a partir do diálogo entre a educadora do grupo e a atelierista da instituição, de modo a favorecer a escuta, a curiosidade e a expressão das crianças, permitindo que suas hipóteses e descobertas orientassem o planejamento docente e seus desdobramentos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O papel docente na construção da documentação pedagógica

Ser professor se caracteriza como uma profissão de múltiplas tarefas cujo papel principal está fortemente enraizado ao ato de promover a construção de saberes



assumindo, ao longo dos tempos, diferentes nuances no que tange o “fazer docente” no entrelace com o currículo vigente. Nesse sentido, com base nas ideias de Dewey (1989 apud Schön, 2000), que compreende os conceitos de reflexão e experiência como essenciais no trilhar pedagógico, a documentação pedagógica se constrói atrelada a importância de valorizar os caminhos percorridos, construir memória e oportunizar a construção de saberes a partir do vivido.

Tal compreensão abre margem para perceber que a documentação pedagógica se sustenta no entrelaçar da observação e registro (ato de documentar), da interpretação (produção do documento) e da devolutiva (documentação pedagógica), pilares que, como aponta Fochi (2019) conferem sentido ao trabalho educativo. Ao registrar, atos de escrita, fotografia ou filmagem, o educador coleta fragmentos do vivido; ao interpretar, o registro passa a ter intencionalidade e significado; e ao devolver, reinsere o vivenciado no coletivo abrindo espaço para novos diálogos, memórias, sentidos e aprendizagens e oportunizando o envolvendo das crianças, famílias e comunidade escolar. Nesse processo, se instaura uma cultura de reflexão que fortalece professores, reconhece as crianças como sujeitos de direitos e amplia a participação das famílias e da sociedade na construção de saberes (Schön, 2000).

Nesse contexto, o educador exerce o papel de mediador no fomento de oportunidades que ampliam as possibilidades de significação daquilo que atravessa o cotidiano das crianças. Mediar não se refere, portanto, a intervir de forma diretiva ou a ditar caminhos, mas a favorecer percursos participativos, seja por meio da realização de boas perguntas, do acolhimento de narrativas ou do incentivo a uma busca conjunta por respostas. Sob esse mesmo viés, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), ao destacar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, reforça o papel ativo do educador como mediador, articulando os interesses infantis às intencionalidades pedagógicas e assegurando que a criança ocupe lugar central no processo educativo.

Dito isso, a documentação pedagógica, como destacam Galardini e Iozzelli (2017), constitui-se como dispositivo essencial para integrar os diferentes sujeitos da comunidade educativa. Para os educadores, sustenta processos reflexivos e dá intencionalidade às práticas; para as crianças, favorece o reconhecimento de seus percursos e a ressignificação de experiências; e para as famílias, possibilita participação efetiva na vida escolar. Ao reunir observação, registro, interpretação e devolutiva, a



documentação não apenas constroi memória, mas também consolida o trabalho pedagógico como prática formativa e investigativa, fortalecendo os vínculos entre escola, infância e sociedade.

Concepção de criança e de documentação pedagógica à luz da abordagem Reggio Emília

Segundo FOCHI (2018) as concepções de criança, de currículo e de educação infantil, alinhadas aos princípios éticos, estéticos e políticos que encontramos nas DCNEI declaram uma visão de mundo democrática, aberta e sensível à pluralidade, que acolhe o universo das crianças na construção das suas jornadas de aprendizagem.

Gandini e Edwards (2002) atribuem a documentação pedagógica um papel essencial na qualidade das práticas educativas por que permite aos professores planejarem circunstâncias propícias às experiências de em suas jornadas de aprendizagens.

Para Gandini (2016) compreende o ambiente das escolas infantis como comunicador das intenções da instituição pois para colocar ou não algo nas paredes esta revela um posicionamento repleta de significados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Surgimento do tema de investigação

O grupo 4 investigou sobre os manguezais no primeiro semestre do ano letivo de 2023. No retorno das férias, o interesse pelas grandes raízes respiratórias presentes neste ecossistema continuou e, em um momento de diálogo, uma criança da turma verbalizou: “Mas nem todas as raízes são para fora, algumas ficam embaixo da terra.” Algumas crianças questionam quais seriam estas raízes e em que locais era possível encontrá-las. A partir dessas inquietações do grupo teve início o projeto que buscou compreender as raízes e se expandiu para a exploração da morfologia das plantas relacionando-as com o cotidiano. As experiências deste projeto culminaram na construção de um herbário.

Detalhamento da construção do herbário

A estruturação do herbário foi construída junto ao grupo desde o início, as crianças não estavam familiarizadas com as características específicas do material que seria produzido, o qual consiste em uma coleção de amostragens botânicas prensadas para documentação e pesquisa. Para a construção da turma foram reunidas amostragens



recolhidas pelas crianças e acrescentadas outras sessões vivenciadas no processo de investigação como desenhos de observação e narrativas.

É importante salientar que a relação dialógica entre a escuta e o planejamento das ações foi fundamental para a construção de um documento pensado “com e para” as crianças. Na tentativa de tornar claro o processo de investigação botânica, que culminou na construção do Herbário, tanto para crianças quanto para outras pessoas que não vivenciaram as pesquisas do semestre, buscou-se uma estrutura cronológica que reunisse narrativas e materiais de acordo com as experiências vividas.

Para aproximar o grupo da construção do material além de suas narrativas, algumas ações foram adotadas para que o grupo estivesse ativamente representado nas páginas do documento. A presença da escrita das crianças em títulos e trechos do herbário possibilitou que o material apresentasse as “marcas” do grupo. Nesta faixa etária elas necessitam da ajuda do adulto para a escrita, então esta foi realizada a partir da reflexão das partes componentes da palavra. Durante um momento de escrita, uma criança perguntou: “Isso que eu vou escrever vai para o herbário?” A professora consentiu e a criança sorriu demonstrando satisfação em participar da construção do material. A escolha de títulos escritos a mão ilustra a escolha por uma estrutura que não evidencia a padronização das páginas, mas as singularidades de cada criança.

Figura 01 e 02- Recortes do herbário que mostram os títulos escritos pelas crianças



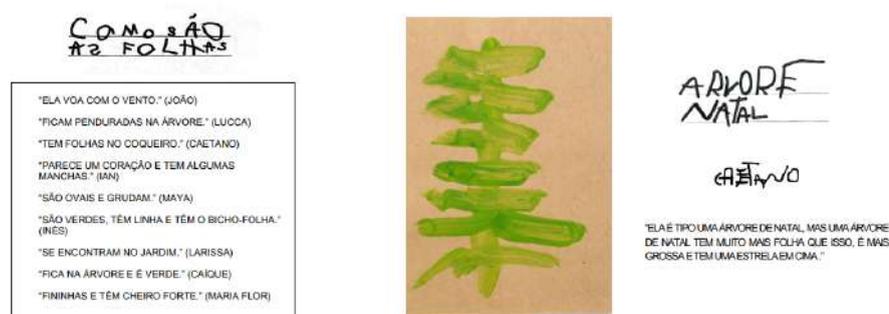
A composição textual do herbário foi inicialmente formada por listagens que emergiram de perguntas simples, tem-se como exemplo a lista intitulada “Como são as folhas?” Algumas das respostas foram: “Ela voa com o vento”, “Parece o coração e tem algumas manchas” e “São fininhas e tem cheiro forte”. Uma única pergunta trouxe hipóteses que evidenciam experiências distintas com esse elemento da natureza. Esta mesma pergunta norteadora repetiu-se para coletar as falas sobre as outras partes que integram a morfologia das plantas como caule, raiz e flor. Todas essas hipóteses foram



registradas em fichas de sessões e utilizadas na construção da documentação.

Em momentos de diálogo o grupo trazia enquanto experiência relacionada às plantas recortes do cotidiano como uma ida ao parque ou o caminho da escola, evidenciando que as experiências diárias ocupam um papel fundamental na construção dos conhecimentos. Nessa perspectiva, o grupo participou de momentos de coleta de elementos naturais no entorno da escola e em locais que acessam cotidianamente. Baseando-se nestas experiências, as crianças narraram ações e descreveram elementos com que tiveram contato. Os recortes destes momentos foram transcritos com fidelidade ao que foi dito pelas crianças sem rigor ou busca por uma cientificidade nas respostas.

Figura 03 e 04: Recortes do herbário relacionados às narrativas das crianças



Na tentativa de conservar os elementos físicos que integraram a investigação, o herbário conta com páginas que se dedicam a trazer esses materiais coletados. Durante a investigação sobre as plantas, o grupo foi questionado "Onde podemos encontrar terra?" A partir disso foi lançado um desafio: recolher terra do seu entorno e trazer para a escola. Na semana seguinte, junto ao material foram trazidas narrativas interessantes sobre a procura, uma das crianças verbalizou: "Eu achei na pitangueira da minha casa!" outra completou: "Eu também peguei terra na minha casa".

As crianças construíram uma prensa botânica que é um material utilizado para secar e amassar flores e folhas com o intuito de conservá-las. As flores utilizadas nesta foram recolhidas mediante um convite: "Vamos encontrar flores em nosso cotidiano?" No dia seguinte as crianças apresentaram coletivamente os seus achados, com o auxílio do google pesquisa foi realizada a fotografia da flor para descobrir o seu nome científico e características.



Figura 05, 06 e 07: Crianças segurando as flores que coletaram



As flores foram prensadas e acompanhadas pelo grupo que verificou diariamente o andamento da secagem, este processo durou em média 12 dias. No final, o produto deste processo de pesquisa, acompanhamento e hipóteses foi anexado ao herbário.

Figura 08: Crianças prensando as flores coletadas

Figura 09: Recorte do herbário que ilustram uma flor prensada



“É BRANCA COM NEGOCINHOS QUE AINDA ESTÃO VERDES. ENCONTREI NA CONVENIÊNCIA PERTO DE CASA.”



As ilustrações presentes no livro foram realizadas mediante o contato direto com os elementos (raízes, caules e folhas) em sessões de desenho de observação como algumas raízes que são raízes comestíveis. A batata doce foi trazida para a sala de referência para uma proposta de desenho, uma das crianças percebeu que estava nascendo uma pequena “raiz” em cima da sua casca. No dia seguinte a educadora sugeriu que a batata doce fosse colocada na água acompanhada diariamente, este processo durou semanas, todos os dias ao chegar na a escola o grupo “conferia” a raiz que segundo o grupo estava virando uma planta bem grande e provavelmente seria uma grande árvore. As crianças provaram também o rabanete e a cenoura e decidiram realizar o mesmo processo de colocá-las submersas em água para descobrir o que acontece. Esses relatos evidenciam que os desenhos contidos neste material são representações gráficas de experiências significativas, seja pelo acompanhamento do crescimento da batata doce ou pela frustração em relação à cenoura que apodreceu

devido aos dias que esteve na água.

Figura 10 e 11: Criança tocando na batata doce

Figura 12: Foto da batata doce após 3 semanas



Após a finalização dos desenhos, estes foram escaneados e encaixados do material com base no andamento da investigação evidenciando as diferentes formas e representações das crianças acerca do mesmo elemento.

Figura 13 e 14- Recortes do herbário com desenhos de observação do rabanete e da batata-doce.



Os recortes trazidos ilustram uma documentação que reuniu referências imagéticas e textuais para narrar o percurso investigativo de um grupo que se interessou pelas raízes e, partir da referência do gênero herbário, foi construído com a turma algo que pertence a eles, com suas marcas, representações e hipóteses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato apresentado evidencia os “bastidores” do processo de construção de uma documentação pedagógica compreendendo este material enquanto comunicador das investigações traçadas pelas crianças. Corroborando com as abordagens participativas



em especial a Reggio Emilia e Pikler, valorizando a importância da escuta ativa e destes detalhes que por vezes acabam se perdendo num caminhar que visa um produto final, a todo instante as crianças estavam sendo comunicadas do passo a passo do herbário em uma troca dialógica de informações e opiniões. O educador que se dispõe a de fato a construir uma documentação pedagógica deve considerar que os principais sujeitos são as crianças em seus cem modos de ser e de se apresentar, e que construir junto com a turma um material de qualidade é valorizá-la enquanto sujeito potente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 13 jul. 2025

EDWARDS, Carolyn. GANDINI, Leila. FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FOCHI, Paulo Sergio. **Mini-Histórias Rapsódias da vida Cotidiana nas escolas do observatório da cultura Infantil** – OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

GALARDINI, Anna Lia e IOZZELLI, Sonia. Dar visibilidade aos acontecimentos e aos itinerários de experiência das crianças nas instituições para a pequena infância. In: MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Documentação Pedagógica: Teoria e Prática**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. (p. 87-98)

OLIVEIRA, Júlia Formosinho. PASCAL, Christine. **Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019

SCHÖN, Donald Alan. **Educando o profissional reflexivo**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

